



Economia e cultura

Manuel José da Rocha Armada*

Não é fácil encontrar um denominador comum para as múltiplas definições do conceito “cultura”. Do ponto de vista pessoal, o conceito de “cultura” remete-nos para a relação entre o interior de cada um, o seu “espírito” ou “mente”, tal como quisermos designar, e o exterior. Esta relação de mediação entre o “mundo interior” e o “mundo exterior” assume múltiplas formas e expressões: não só porque cada indivíduo é único e irrepetível, mas também porque o ambiente que o rodeia, definido a partir da centralidade do indivíduo, é também particular.

A cultura, como espaço de mediação entre o interior (o invisível ?) e o exterior (o real?), existe através da sua natureza material. Por muito imateriais que sejam as manifestações culturais, há sempre a presença de algum tipo de elementos físicos que dão corpo e forma a essas manifestações. A título de exemplo, não há música sem instrumentos ou voz, e não há dança sem o(s) corpo(s). Do mesmo modo, o pensamento só se torna em cultura a partir do momento em que é transmitido, comunicado. Os meios de comunicação são assim elementos de suporte à manifestação cultural.

* Presidente da Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho e Professor Catedrático da mesma Escola.

A economia, enquanto ciência social, estuda as consequências das escolhas realizadas pelos indivíduos, quer do ponto de vista individual, quer do ponto de vista colectivo, ao nível da produção, da distribuição e do consumo de bens e serviços. Em todos estes momentos o elemento cultural está presente. A opção pelo consumo de um bem em detrimento de outro tem em conta não só a relação entre os seus preços, mas também o grau de substituíbilidade entre esses bens, o qual, e pela definição acima proposta, é em si uma manifestação de cultura. Do mesmo modo, a escolha de uma determinada tecnologia de produção, que tem como objetivo último a maximização de uma dada variável (o lucro ou a utilidade), não é independente do conhecimento sobre as tecnologias disponíveis num dado momento e num determinado espaço. Assim, numa concepção lata de cultura, o objeto de estudo da economia é um elemento cultural.

Numa outra perspectiva, poderemos questionar qual o papel da ciência económica no estudo e na análise da cultura enquanto sector económico. Uma primeira dificuldade surge com a definição dos limites do conceito “sector cultural”. Aqui há recorrer a uma definição de cultura mais restrita, mais próxima do conceito de “alta cultura” ou “cultura erudita” associada à ideia de cultura enquanto movimento dinâmico de criação e difusão de novos conceitos e ideias. É neste âmbito que termos como “indústrias criativas” ou “atividades criativas e culturais” são cada vez mais comumente usados. Assim, e neste âmbito, a análise económica poderá dar importantes contributos à compreensão dos fenómenos culturais. Se não há manifestação cultural sem um conteúdo material, então importa analisar a função de “produção cultural” ou de “produção de bens e serviços culturais”, nomeadamente quais os recursos mobilizados e de que forma foram “transformados”. Da mesma forma, importa avaliar qual o impacto das “atividades culturais”, definidas de forma restrita, nas restantes atividades económicas, seja por mecanismos de contágio do conhecimento ou da criação realizada, seja através das relações input-output das atividades económicas que interagem com o sector cultural. O conteúdo económico da cultura abrange assim os domínios da produção, do emprego e do rendimento gerado.

Foi neste último âmbito que recentemente a Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho foi chamada a colaborar na avaliação dos impactos económicos e sociais da Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura. Sendo

este um evento que vai para além de um mero somatório de espetáculos e atividades culturais, a avaliação incluiu uma avaliação quantitativa de várias dimensões económicas, nomeadamente dos impactos do evento no turismo, no comércio, nas indústrias criativas e, numa dimensão mais vasta, o seu impacto em variáveis de natureza macroeconómica como a produção, o emprego e as despesas e receitas públicas. Sendo um trabalho de natureza multidisciplinar, em conjunto com outras escolas da UM, compreendeu também uma avaliação de várias dimensões de carácter sociológico, combinando abordagens quantitativas e qualitativas, assente nas perceções de diferentes tipos de grupos sociais, bem como uma avaliação dos impactos de natureza mediática e digital do evento, os quais têm uma importância crescente, pela sua capacidade de reposicionamento da imagem da cidade que se tenciona veicular. Do ponto de vista de resultados, os impactos da Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura foram evidentes, demonstrando o papel da cultura como indutor de transformações em domínios de natureza diversa. Tal como se refere no relatório final: “Em pouco tempo, Guimarães mudou muito. Material e espiritualmente. Compôs a sua imagem e renovou a identidade”.